

RESENHA DE *MOÇAMBIQUINHO* E A POESIA DE VIDA DE DOM MIDÓ DAS DORES¹

Kellen Dias de Barros



Dom Midó das Dore é doutorando em História de África Contemporânea pela Universidade Pedagógica, mestre em Ciências Políticas e Estudos Africanos, licenciado em Relações Internacionais e Diplomacia. Nasceu em 5 de fevereiro de 1978 em Xai-Xai. É autor do romance *A Bíblia dos Pretos* (2009).

Em 2000, venceu o prémio literário Teatro Rádio Fónico da Rádio Moçambique. É co-fundador do Núcleo Literário Xitende. Em 2022, encontra-se nos cargos de Revisor e Conselheiro da Associação Xitende e preside o Conselho

1 NOTA DO EDITOR:

Moçambiquinho, de Dom Midó das Dore, é um livro ainda inédito, quando da produção desta resenha.

O autor está em negociações com o mercado editorial, visando à sua publicação.

Dom Midó disponibilizou os originais do livro à revista *Caderno Seminal* a fim de que se produzisse e publicasse esta resenha.

Os editores gerentes e de seção da revista *Caderno Seminal* agradecem a Dom Midó e esperam estar contribuindo para a divulgação de suas poesias e alegrando os leitores.

Municipal da Cidade de Xai-Xai. Conta com vários textos publicados em antologias em Moçambique e fora do país.

Onde está a poesia? Sócrates poderia nos interpelar, assim como fez em relação ao belo, para procurá-la, havemos de saber afinal: o que é a poesia? Muitas páginas escritas tentam dar conta dessa pergunta. A poesia, na visão erudita, estaria guardada em lindas e enormes bibliotecas, expressa por uma língua sob a égide de técnicas, gramática, vocabulário, que as limitam, na produção e leitura, a sujeitos raros, privilegiados que puderam gozar de anos de estudos. A poesia visual estaria trancada em museus de ricas e sofisticadas cidades pelo mundo, sendo expressa em pinceladas e modelagens de obras inacessíveis (e, muitas vezes, incompreensíveis a tantos). A poesia da vida escondida aos olhos de quem luta e trabalha para viver, somente perceptível aos que gozam do ideal ócio criativo. A poesia foi muito tempo entendida como algo reservado às elites, especialmente branca e europeia.

Mas poesia, como for, é um transbordamento. Já nos dizia o grande poeta brasileiro Ferreira Gullar: “a arte existe porque a vida não basta”. Muito mais que manter o sistema biológico do corpo em funcionamento e cumprir obrigações socialmente determinadas, o ser humano sonha e seu

sonho transforma o mundo. O ser humano não se limita ao mundo como ele se apresenta, nós o reinventamos, o alteramos, reconsideramos, sonhamos com uma realidade diferente e nos movemos, agimos, para que ela se realize. Como destaca Hannah Arendt (2011), somos marcados pela mortalidade, diferenciarmo-nos dos demais animais que, pelo simples ato da reprodução, garantem a imortalidade da espécie, numa repetição cíclica do mesmo:

A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência nas leis gerais do comportamento, se os homens fossem repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, cuja natureza ou essência fosse a mesma para todos e tão previsível quanto a natureza ou essência de qualquer outra coisa. A pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá. (ARENDT, 2011, p. 9-10)

As ações humanas que implicam em trabalhos e obras que garantem a transformação do meio, a sobrevivência do indivíduo, a vida da espécie também “conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano” (ARENDT, 2011, p. 9-10). A consciência da finitude, de alguma forma, nos confere a capacidade de sonhar com uma durabilidade maior

que a de nossa própria vida, de marcar o mundo com tudo o que nos faz únicos. E essa condição humana, marcada pelo ambíguo jogo entre o perene e o fugaz, entre a manutenção e a transformação, faz nascer, entre muitas outras coisas, a poesia. A poesia, face da moeda do sonho, faz de nós humanos, essa potência de transformação que transborda a realidade, o mundo tal qual se apresenta, esgarçando limites, derramando sobre o que cabe e o que não cabe.

Claramente essa dimensão de potência do humano inspira a necessidade de controle, como magistralmente nos explicita Luiz Costa Lima na *Trilogia do Controle* (2007) em que nos revela uma série de procedimentos de controle que recaem sobre o imaginário, no que concerne às obras artísticas e poéticas. E como podemos perceber, também, nos dilacerantes sistemas econômicos, sociais e políticos que limitam a maior parte dos seres humanos a trabalhadores, oprimindo violentamente qualquer sopro de sonho, condenando-os a condições brutais de vida. Com isso, temos uma história de permanente exclusão de sujeitos e suas poéticas, fazendo com que toda arte produzida em África, por exemplo, fosse silenciada, destruída, destituída de valor ou, quando muito, roubada e encaminhada a museus que a apresenta a partir de olhares que desconsideram a efetiva potência de seus criadores e suas culturas.

Muitas lutas foram necessárias para que a poética de sujeitos e povos de cultura periférica pudesse ser lida, publicada, muita resistência para que artistas nessas posições tivessem forças e mínimas condições para produzir. Mas o sonho é inevitável para o humano, a poesia sempre trasborda a vida, ainda mais quando a dura realidade definitivamente não basta. E em Angola, Cabo Verde, Moçambique, nos cantos esquecidos do Brasil, pululam poetas. Homens e mulheres que leem e, sem poderem se conter, escrevem.

Roland Barthes, em *A Preparação do Romance*, volume II, nos fala sobre o Desejo de escrever que teria um ponto de partida: o prazer, o júbilo advindo da leitura de outros textos e destaca: “*Escrevo porque li*” (grifo do autor). Ele distingue, ainda, tipos de pessoas a partir da leitura: os que sentem a alegria de ler, mas permanecem leitores e os, que movidos pelo êxtase, o júbilo, uma espécie de conversão, também escrevem. Exemplificando essa concepção a partir de uma experiência própria com um texto de Chateaubriand, relata:

[...] ele produz em mim um deslumbramento, um transporte de prazer; *ele me acarícia*, e essa carícia produz seu efeito toda vez que o releio (recondução do Primeiro Prazer): como uma espécie de incandescência eterna, misteriosa (explicá-la não a esgotaria); verdadeiro contentamento de um *desejo amoroso* (grifo do autor). (BARTHES, 2005, p. 13)

Seguindo esse desejo amoroso, explicita que, como qualquer amor, ele não é universal, que desejamos cada pessoa um texto em específico, até mesmo trechos específicos, havendo uma disseminação de desejos, criando, então, o contexto propício para procriação de outros livros, como um encontro amoroso que alimenta a esperança de escrever. O processo de escrita, que num primeiro olhar pode parecer solitário, revela-se um imenso encontro de diversas dimensões do sonhar... o singular nasce do plural.

Sêneca, na construção de seu pensamento tão pragmático, forjado não só no intenso mergulho em pensadores pregressos, mas em uma intensa vida política repleta de todas as suas dores e delícias, escreveu as *Cartas a Lucílio* que foram verdadeiros manuais do estoicismo. Nestas cartas, ele esclarece:

[...] também nós devemos imitar as abelhas, e todas as substâncias que tivermos colhido de leituras variadas, ordená-las – pois melhor se conservam as coisas se cada uma está em seu lugar – e depois aplicando toda atenção e toda a faculdade de nosso engenho, fundir em sabor único todos aqueles diversos sumos, de maneira que, conquanto se veja de onde se extraíram, se demonstre igualmente que têm agora um ser diferente do que ali tinham. (SÊNECA, 2002, p. 108-109)

A colheita de néctares e a reformulação de algo novo, para ir além, e com novo sabor, da vida. Esse ato de colher para dar corpo a novos sonhos nos remete ao conceito de Escrevivências, formulado pela inigualável Conceição Evaristo que, muito atenta na vida e na academia, conseguiu nos expor o quanto processos de criação não se limitam a um colher em fontes classicamente brancas e europeias, em vastas bibliotecas e ricos museus. A vida em si e a linguagem oral também são um manancial rico e inesgotável de provocações poéticas. Nesse fio, a etimologia da palavra, explicitada pela própria autora em entrevista para o Itaú Social, por ocasião do seminário virtual “A Escrevivência de Conceição Evaristo” ocorrido no ano de 2020, é uma junção das palavras “escrever”, “viver” e “se ver”, relacionando, assim, o ato da escrita, as vivências e a ação de olhar para si, numa forma reflexiva que diz respeito tanto examinar a si mesmo, quanto a ver-se espelhado no mundo.

Explorando a dimensão das vivências, Conceição revela o quanto a linguagem oral é essencial para sua produção escrita, contando-nos que as falas e os silêncios de seus familiares, ainda que não-letrados, fornecem néctar finíssimo para sua literatura. Uma fala que tem materialidade e movimento em histórias contadas com corpos que se mexiam ao sabor das emoções e

acontecimentos da narrativa; interjeições que guardavam um mar de significações silenciosas. Dando foco à escrita, a autora nos faz ver sua mãe abaixada num quintal, escrevendo um sol no chão, para que a chuva não viesse a atrapalhar seu ofício como lavadeira, uma escrita que conjura realidades, entrelaçada com a vida prática e o fantástico.

Abordando o “se ver”, a autora faz uma brilhante explanação, agora em entrevista ao Roda Viva, dialogando com algumas críticas que recebeu, tendo em vista que afirmaram que a Escrevivência seria uma escrita de si narcísica. Daí ela pontua que a Escrevivência não pode ser narcísica, pois os mitos brancos europeus nunca atenderam ao modo de ser africano e se seus descendentes. O espelho que reflete a branca face de Narciso jamais refletiu uma pessoa negra. O espelho, no contexto das escrevivências, remete aos mitos africanos de Oxum e Yemanjá, cujos espelhos revelam sim a beleza, mas não a individual e consumidora de Narciso, mas a beleza de um coletivo ancestral. Oxum revela a fartura e o amor-próprio e coletivo que marca a comunidade e Yemanjá reflete o amor maternal que a todos acolhe e abraça.

A poesia de escrevivência é negra e remete a essa potência africana tão vívida, apesar dos terríveis esforços por seu silenciamento.

Moçambiquinho, obra ainda inédita, cuja publicação se prevê para muito em breve, de Dom Midó das Dores, me levou a toda a essa reflexão, daí vou me permitir, ainda que em resenha formal, usar da primeira pessoa. Da leitora de poesia assídua, trabalhadora dos versos em aulas teóricas e no labor da escrita poética como autora, da que leu poemas dos mais clássicos aos versinhos de criança recebidos como presente em sala de aula. *Moçambiquinho* me fez ver uma poesia-passeio que tanto tem desse desejo de se fazer poemas que trazem tantos outros poemas consagrados antes de si, quanto desse desejo de encantar a memória da infância e dar-lhe corpo, de fazer a poética da vida na sua face popular. Ouçamo-lo:

Midó no Bosque

Eis Midó alegre no bosque belo
sorrindo com aves de doce canto
enche a piedosa verdure d’espanto
e o sol cheio de dó olha-o, singelo.

Continua a sorrir com mão no cabelo
vendo a natureza de meloso encanto
e andando com passos de vagar santo
tenta se conter pra ninguém vê-lo.

E o vento pergunta na admiração:
– O que fará este rapaz rir sozinho?
– Hoje não se ouve sua escura canção?

Vergonhosa razão, triste mocinho
que te dá esta longa hilarização
só porque ela te saudou no caminho.

Um soneto, um poema de forma fixa, nascido na Itália do século XIII. Pequena canção para traduzir uma ideia, e que tanto encantou as cortes provençais, ganha aqui as cores d'África, tons moçambicanos, de um eu-lírico que se confunde com o próprio autor pelo nome e que, apaixonado, sorri e é interpelado, classicamente, pela personificação de fenômenos da natureza. Um poema de amor, numa paisagem que inevitavelmente perde a imagem clássica dos bosques europeus para tomar a forma de bosques tropicais, já que, desde o título somos tomados pela forte presença da cultura moçambicana expressa pelo poeta nele mesmo nomeado.

Seguindo nossa viagem leitora, remetemos a “Moçambique (a Deusa d'África)” um poema potente e singelo que revela grandeza e pequenez ao mesmo tempo, num jogo poético que traz Moçambique tanto como A Deusa da África quanto como uma criança faminta, sofrida. Um poema que nos leva a sentir o peso da injustiça sofrida por todo um país fabuloso em recursos naturais e culturais que foi usurpado, devastado.

Moçambique (a Deusa d'África)

Moçambique
vive em mim
criança de amor sem fim
por esta terra pintada de preto
que me tem como seu esqueleto.
Moçambique
é uma criança como eu
chora tanto de fome
de fome porque come
e a seca é seu véu.
Moçambiquinho
cala, cala meu bem!
o meu tempo já vem
vou te dar o meloso carinho.

Num jogo lógico de pertencimento, os primeiros versos revelam como Moçambique vive nele: como uma criança e, assim, ele grande, Moçambique, pequeno. Seguido do jogo inverso: a grande terra pintada de preto, como seu povo, tem o eu-lírico como esqueleto e, assim, Moçambique grande, ele pequeno. E essa pequenez e grandeza são imagens poéticas marcadas por elementos de significação muito forte: a criança em todo seu lirismo, inocência, fragilidade e o esqueleto em sua solidez de sustentáculo e articulação.

Daí, ambos se igualam, guardando seus tamanhos mínimos e máximos, ambos crianças que choram e têm fome, uma fome de quem come e tem a seca como véu. E de forma doce, como quem acalanta uma criança mesmo, a dor tenta ser remediada com carinho. Nesse poema, podemos perceber com nitidez um pouco das dores moçambicanas, assim como seu poder de permanecer doce, infantil e deusa.

Nesse ponto, nos entremeados caminhos da literatura, fui levada à Paulina Chiziane, uma das maiores autoras moçambicanas que em *O alegre canto da perdiz* desenvolve uma narrativa em que a vida dos personagens se mistura com o destino da própria terra, a Zambézia, que é uma região de Moçambique. Vejamos:

Os navegadores correram de aldeia em aldeia, derramando sangue, profanando túmulos, pervertendo a história, fazendo o impensável. A Zambézia abriu seu corpo de mulher e se engravidou de espinhos e fel. Em nome desse amor se conheceram momentos de eterno tormento e as lágrimas tornaram-se um rio inesgotável no rosto das mulheres. As dores de parto se tornaram eternas, os filhos nasciam apenas para morrer, eram carne para canhão. O povo tentou, inutilmente, transformar os corações em pedra para fugir à dor, à morte, à opressão. (CHIZIANE, 2008, p.60)

Moçambique como criança, Moçambique como mulher, os dois personificando as dores da fome, da violência,

da tristeza... Essa estrada de dor nos conduz ao “Menino descalço” que, ainda na personificação de África faz novo jogo de ambiguidade.

O Menino Descalço

O menino descalço
como as ruas de África
é o coração
é a alma da mesma África
O menino descalço
como machambas secas
é a chuva
que vai engordar a África
O menino descalço
como os celeiros sem nada
é o celeiro cheio
de esperança de África
O menino descalço
como as cidades só cançadas
nele estão os prédios
e avenidas desta África.

Esse belo poema, brilha por uma simplicidade de linguagem e por uma forma ambígua e tocante de nos apresentar a África na imagem tão corpórea de um menino descalço. Desde o título podemos ver a imagem de um

menino desprovido de calçados, com os pés cobertos de poeira. Seguindo a leitura, confirmamos... ele está nas ruas, desamparado, lutando por sobreviver. Assim como o grande continente, origem de todos os seres humanos, esse menino é a alma da nossa terra-embrião. Esse mesmo menino sofrido é o solo seco e é a chuva de abundância que igualmente representa a África. Quantas riquezas produz aquela terra... ao mesmo tempo em que a violência lhe usurpa, tira-lhe os sapatos. A própria natureza daquela terra, daquele menino, é a esperança de tempos melhores, de um futuro expresso na pura meninice.

A imagem da infância relacionada com a África é muito forte em *Moçambiquinho*, certamente o elemento mais bem realizado do livro. Mas, há belas figurações de África e seus modos de vida, mesmo quando o eu-lírico apresenta-se em vida adulta, como podemos ver em “O doce fígado das mangas”:

O doce fígado das mangas

doces mangas da minha terra sem açúcar
subia a carroça da minha pobreza
no dissabor duma viagem preta
mesmo que a vida seja feita apenas de
tristeza
há sempre mangas doces na vida

há sempre uma líquida sensação de prazer.
a constipação dos sonhos
e os sadios momentos da angústia
sombras lúgubres duma existência
o fígado das mangas doces
mangas doces do fígado do meu quintal
quintal do fígado doce das mangas
só as mangas
sabem o valor de se ser doce na vida
só as mangas da minha terra.

Nesse poema, uma bela herança nossa africana se faz ver: o talento para gozar dos pequenos prazeres e sorrir para a vida, ainda que ela seja majoritariamente amarga. As mangas dos quintais e estradas que se transmutam de alimento a júbilo, sendo não basicamente fruta, mas prazerosas como fígado das mangas. O fígado, filtro do corpo, administrador dos líquidos amargos que purificam o que estamos a digerir, na manga, é doce! Imagem de maior doçura não haverá. Por isso “só as mangas/sabem o valor de se ser doce na vida”.

Esse poema, me levou particularmente à infância e ao cuidado de não ingerir manga com leite, o que poderia ser fatal. Anos se passaram e os estudos sobre os mecanismos coloniais de opressão ao povo preto trouxe à tona a raiz desse mito, e, hoje, sabemos que os Senhores de pessoas

escravizadas incutiram esse medo no imaginário do povo para evitar que pretos e pretas tomassem o leite das fazendas, tendo em vista que durante o trabalho nas plantações, elas comiam mangas. “O fígado das mangas” me fez sonhar com alguma doçura possível na vida de nossos ancestrais.

Numa abordagem poética bem contemporânea, similar à que encontramos no Brasil, Dom Midó das Dores também faz poesia, com um texto que traz a rotina, as pressões sociais de produtividade, do mundo urbano e a sensação eterna de não estar encaixado. Vejamos:

Ao Danúbio Afonso

Acorda de manhã
e olha para a cidade que está em ti!
Olha para os carros em movimento.
Olha para o sol que te olha.
Olha para os prédios
da cidade que te vive
depois volta ao quarto dormir
que o mundo não tem nada para os poetas.

Num universo urbano, tomado pela velocidade, pelo modo de vida capitalista, branco, ocidental, colonizador, a vida é a produtividade de uma cidade que só dorme para produzir mais no dia seguinte. Curioso como mesmo em poemas de estilo bastante distinto ainda temos as imagens

que se amalgamam umas nas outras, como a “cidade que te vive”, ainda que o mundo nada tenha para o poeta, a cidade o vive. E, numa significação muito colada aos sujeitos que produzem arte, o que cabe ao poeta é voltar a dormir, enquanto os demais vão fazer a máquina-cidade funcionar, o que pode recair sobre o significado do “vagabundo” ou daqueles que pulsam felicidade, como já nos dizia Cazuza: “O mundo inteiro acordar/ e a gente dormir, dormir/ Pro dia nascer feliz/Ah, essa é a vida que eu quis”.

Conforme abordamos no início de nossa reflexão, *Moçambiquinho* é a concretização de uma poesia que faz de nós humanos, é esse transbordar da realidade, é dimensão de sonho. E revela esse desejo de escrever que traz muitas referências, tanto as de textos e formas já consagradas na literatura, quanto dessa vida que pulula no dia a dia, num modo de ser africano. Nesse sentido, é válido trazermos um pouco da fala de Mia Couto, em entrevista ao El País tratando da literatura não só moçambicana, mas africana como um todo:

Podemos escrever uns sobre os outros. Antes, havia uma interdição: os africanos que escrevessem sobre Europa ou América não eram considerados, porque existia aquela obrigação de o africano ser “autêntico”. Não sabemos o que é isso de ser “autêntico”, mas, para atender aos critérios de aceitação da crítica, pediam uma “África tradicional”,

tinha que ter uma fogueira, uma feiticeira e esse tipo de estereótipo que identifica uma “África autêntica”. A nova geração de escritores africanos libertou-se dessa africanidade imposta desde fora e hoje há muitos escrevendo sobre o mundo inteiro.²

Moçambiquinho trata de um mundo inteiro no seu fazer poético que traz tantas referências diversas, e isso é muito nítido ao longo de todo texto. Mas, por outro lado, é inegável o quanto os poemas que trazem mais dessa escrevivência africana ganham muito mais potência na obra. *Moçambiquinho* é a pueril infância de Moçambique, que é a deusa África toda, sempre menina, como esperança e desamparo. Essa é a grande imagem do livro que nos faz guardar uma semente de baobá em nosso solo íntimo, refletindo o desejo de que a realeza de África cresça novamente para que o mundo todo veja. Desejo que vai tomando corpo ao fazer poetas como Dom Midó das Dores ser lido para além das fronteiras africanas, podendo espalhar as sementes da árvore sagrada em todo canto.

Referências

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional & Forense Universitária, 2011.

BARTHES, Roland. *A Preparação do Romance*. Vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

2 Entrevista disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/cultura/1555598858_754829.html.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Rio Grande do Sul: Dublinense, 2008.

COSTA LIMA, Luiz. *Trilogia do controle: o controle do imaginário, sociedade e discurso ficcional, o fingidor e o censor*. Rio de Janeiro: Top Books, 2007.

OLIVEIRA, Joana. Mia Couto: “Doeu ver como África e Moçambique ficaram tão distantes do Brasil”. *El País*. São Paulo, 02 maio, 2019.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/cultura/1555598858_754829.html. Acesso em: 24 set. 2022.

RODA VIVA. Conceição Evaristo explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afro-brasileiros. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A>. Acesso em: 24 set. 2022.

SÊNECA. *Aprendendo a viver*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Conceição Evaristo – A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. *Itaú Social*. São Paulo, 09 nov., 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 24 set. 2022.

Kellen Dias de Barros é doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professora adjunta da mesma universidade, onde coordena os projetos de pesquisa “A Literatura e o salto: experiência do ‘fora’ e da alteridade na leitura e produção do texto literário” e “Desafios dos estudos da interculturalidade na escola: cultura, linguagem e subjetividade”, e atua como pesquisadora no projeto “Do lado de fora do mundo: a literatura na formação de professores”. É membro do “Grupo de Estudos sobre Interculturalidade, Educação e Linguagens”, certificado pela UERJ junto ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Email: kellendiasb@yahoo.com.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9589181462793374>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1550-7563>.